

ENTRE A LEVEZA E O PESO

Priscila Varjal
Universidade Federal de Pernambuco

A literatura discute os mesmos problemas que discute a sociedade, mas de outra maneira, e essa outra maneira é a chave de tudo.

Ricardo Piglia

A economia do tempo exigida pela sociedade atual, que busca a informação condensada, diluída, acaba por dar margem ao fenômeno da síntese – do resumo – cada vez mais as laudas diminuem e os textos tornam-se concisos, leves, rápidos. O personagem toma a fala do narrador tradicional, ganha voz e dá velocidade à narrativa, emprestando-lhe um caráter de verdade, de testemunho, tendências modernas que são amplamente discutidas nas *Seis propostas para o próximo milênio*¹, de Ítalo Calvino, nas conferências que preparou sobre: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade – recursos muito utilizados atualmente e que servirão a este breve comentário acerca de pequenas narrativas.

As duas primeiras lições “leveza” e “rapidez”, sobretudo, nos ajudarão a pensar um pouco. Quanto à primeira lição, podemos perceber que tanto pode estar ligada à economia, ou seja, à forma concisa do texto, quanto a um enredo de centenas de laudas marcadas pela interação do leitor com as imagens. E mesmo que a narrativa seja “enciclopédica” pode estar impregnada de uma leveza que abarca a compacidade do mundo, como explica Calvino, com a percepção do que é infinitamente minúsculo, móvel e leve (2000, p.20). Assim, o tamanho é prescindível quando o campo é o literário. E quando o assunto é a leveza, que não pode ser condição para as pequenas narrativas, pois a encontramos no tratamento dado aos temas e não no número de páginas, nos interessa especialmente o efeito que causa no leitor.

A segunda lição tampouco está ligada ao tamanho, embora, em nossa opinião, tenha um elo mais forte com a “economia da narrativa”, quando advém de uma sequência de ações movida por verbos que promovem um movimento contínuo, como é comum aos best-sellers. Os recursos utilizados para dar o efeito de rapidez são estilísticos e estruturais como também o são no caso da leveza, pois “os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam punctiformes, interligados por segmentos retilíneos, num desenho em zigue-zagues que corresponde a um movimento ininterrupto.” (CALVINO, 2000, p. 48). É esse movimento

¹ Falta a sexta proposta, que seria “*Consistency*”. Estas lições foram preparadas por Calvino para um ciclo de Conferências na Universidade de Harvard, em Cambridge, as “*Charles Eliot Norton Poetry Lectures*”, em 1985-1986.

interligado, que obedece a critérios de funcionalidade, ora negligenciando, ora acentuando o tempo verbal, as ações que se desenrolam no enredo e a simultaneidade de ideias ou mesmo de cenas, que estimula o leitor a prosseguir na leitura, a tomá-la de uma só vez. É ele que dá o efeito de rapidez e não o número de linhas.

Com isso, podemos creditar a este recurso narrativo um grande trunfo nas pequenas narrações. Ora, que aspecto mais incita o leitor na direção às crônicas senão esse caráter de excitação constante que dá a impressão de que ao ler também se “corre”, não se perde tempo, mas ao contrário, se ganha?

Ao lermos a crônica *Uma cidade feliz. E gorda*²(2009), de Raimundo Carrero, publicada na Revista *Veja*, edição dedicada aos bares e restaurantes da Cidade do Recife, somos levados nostalgicamente a atravessar as ruas do Recife vislumbrando, através da descrição empreendida pelo narrador em primeira pessoa, dos bares mais simples aos restaurantes mais sofisticados. Vemos os passantes numa rapidez de quem cruza as avenidas sem olhar para o *flâneur* que observa, agora, cinquenta anos depois de ter feito parte da multidão, um filme que passa tão rápido quanto as palavras separadas por incontáveis vírgulas que não deixam ao leitor a opção de refletir nas paisagens, nem a de demorar-se nos cantos, porque o relato se faz sem rodeios, sem profundidade, com o tom de um passeio turístico. Uma estratégia, sem dúvidas, muito boa para dar rapidez.

O tom afetivo do testemunho, com o qual é narrada a retrospectiva de como se comia bem na cidade do Recife, deixa exalar uma nostalgia, uma saudade marcada pelo pretérito perfeito. Além disso, o escritor pernambucano introduz na fala do narrador sutilezas próprias à troca dos tempos verbais: “*O ‘era’ fica por conta da mudança dos tempos – verbal e físico. Portanto, era no tempo em que o centro da cidade existia com toda a graça e movimentação.*” E logo uma ponte que liga o velho Recife ao novo traz a crônica para o presente e aconselha o leitor a andar por alguns dos bares que existem agora na cidade “*Comece pelo Caprinos, o restaurante do Rosarinho, que serve uma carne de sol divina*”.

O narrador utiliza tanto a função comunicativa da linguagem (quando se dirige ao leitor procurando agir sobre ele, influenciá-lo) quanto a função testemunhal, expondo a ligação que tem com o relato que faz e procurando comprová-la, mostrando domínio dos detalhes “*Não sabe o que é moranga? Bem, trata-se de uma espécie de jerimum, que é esvaziado, e onde se coloca, neste caso, uma boa quantidade de camarão, com um tanto de arroz e feijão. Fica uma delícia. E é comida para uma família inteira. Serve-se quente. Bem*

² Crônica publicada na Revista *Veja* em agosto de 2009.

quente. Acompanha cerveja, refrigerante ou água. Há quem exagere: bebe-se vinho. Uma loucura, não é mesmo?”.

O tempo é um dos maiores segredos da narrativa, assim, a velocidade causada pelas vírgulas na crônica “*Uma cidade feliz. E gorda.*” faz que o leitor queira, realmente, depois de terminada a leitura, conhecer as indicações do cronista, comer as comidas recomendadas por quem demonstra experiência em cardápios diversificados e sabores e que intencionalmente desperta esse gosto no leitor.

Mas Ítalo Calvino (2000, p. 59) ressalta uma questão importante quando lembra que, “na vida prática, o tempo é uma riqueza de que somos avaros; na literatura, o tempo é uma riqueza de que se pode dispor com prodigalidade e indiferença: não se trata de chegar primeiro a um limite preestabelecido; ao contrário, a economia de tempo é uma coisa boa, porque tanto mais tempo economizamos, mais tempo poderemos perder.”. A rapidez, desse modo, pode estar inclusive numa digressão, que retarda a cena mas cumpre a função de avançar levando o leitor para longe do assunto em questão. Este recurso é bem empregado na pequena narrativa de Marques Rebelo, “*A Mudança*”, na qual as digressões afastam o leitor do relato principal, “a morte do protagonista”, e não interferem na economia do texto, uma vez que a função principal é a de negligenciar essa morte, assim, as digressões “gastam” um tempo para cumprir o efeito desejado pelo autor.

Já na crônica “*Um monstro no táxi; Deus no telefone*”³, de Rogério Pereira, o discurso de um narrador-personagem se desenvolve em meio a outras vozes quebrando a cronologia e fundindo os tempos passado e presente, num movimento interno do protagonista, em que ouvimos a luta travada por sua consciência, tanto com “o monstro” que encontra no táxi quanto com seu amigo que acabara de lhe passar um sermão por telefone. Os dois momentos se confundem num fluxo incorporado à própria estrutura da crônica que, com seu discurso aparentemente “desorganizado”, apresenta uma visão profunda da consciência do narrador.

O fluxo de vozes que se interpenetram na crônica do paranaense é regido por um narrador que não dissimula sua presença e que fala em primeira pessoa. As vozes do taxista e do amigo do narrador se entrecruzam dentro da ação que se desenrola no presente (que consiste num tempo indeterminado que o narrador passa dentro do táxi), misturam-se, embora estejam em tempos distintos; a voz do amigo habita a consciência do personagem-narrador, enquanto a do taxista se dá na cena presente, como podemos perceber: “*Tinha uma barata*

³ Crônica publicada no site de Crônicas *Vida Breve*, em 09 de novembro de 2009. www.vidabreve.com

aqui”, disse-lhe. “Pode ser. Levo muitos clientes, compras de supermercado, entre as bananas sempre tem bicho”, respondeu com o cansaço dos quase 40 anos de taxista.”

Os diálogos se fundem rompendo com o limite temporal e a falta de cronologia dos acontecimentos dá um efeito de “desorientação” causado por duas guerras que o narrador tem de enfrentar junto à sua consciência: a primeira contra um sermão do amigo direcionado a um texto que escrevera para o Jornal, no qual o amigo reconheceu numa metáfora a possível alusão à relação do escritor com o irmão, e a segunda contra a barata que encontra passeando pelo táxi. Não é difícil perceber que esta é apenas representativa do asco que sentiu ao ser interpelado sobre a guerra íntima que tem com o irmão, por um amigo que não respeita “sua coleção de silêncios”.

Na classificação de Ricardo Piglia, um conto sempre traz duas histórias. Tem um relato visível (1) e um relato velado (2), que é construído como um segredo, de maneira entrelinhas, dentro do relato 1, nos interstícios da história visível. Ao modo de um conto, na crônica “*Um monstro no táxi; Deus no telefone*”, o relato (1) ocorre no presente do indicativo e de maneira linear, o personagem pega um táxi, faz a corrida, paga e desce do carro. Mas o relato (2), que transpassa essa história banal, é contado nos pretéritos perfeito e imperfeito, por meio de vozes e ecos que tumultuam a mente do personagem, fazendo que as falas e os tempos se misturem durante toda a história.

Essa narrativa acaba então por transportar vozes de cenários passados para um cenário presente (táxi) a partir de uma lógica fundada na semelhança e na substituição: “*Uma guerra é sempre estúpida. Mas, agora, eu tinha de discordar. A batalha com esta inimiga insólita e inesperada deslocava-me da angústia daquela frase que chegara pelo celular para este campo minado a chineladas.*” É por meio desse mecanismo de equivalência que o autor associa a guerra “metafórica” que travara com seu irmão, no texto que publicara anteriormente, e que fora alvo do sermão do amigo, à “guerra” fictícia que travara com a barata no táxi. Ou seja, é um procedimento metafórico que trabalha com a semelhança e o deslocamento temporal/espacial aprofundando o pequeno relato do escritor Rogério Pereira e dando a ele o papel de refletir com profundidade questões aparentemente simples.

Neste breve comentário tencionamos falar um pouco do caráter de narrativas que tanto podem trazer ao leitor a contemplação fugaz quanto uma reflexão sobre sérios conflitos, isso tudo numa linguagem leve e rápida. Enfim, o segredo da procura pelos pequenos textos parece não estar mesmo na economia deles, mas sim nos recursos utilizados pelos autores para alcançar certa função e efeito que simplesmente seduzem o leitor.

ANEXOS

Crônica de Rogério Pereira

"Um monstro no táxi; Deus no telefone"



Ilustração: **Ricardo Humberto**

Ao sentar no banco de trás do táxi — pacotes, livros e jornais espalhados —, avistei-a. Olhou-me com curiosidade. Mexia-se impaciente, como se eu estivesse a lhe invadir o território, a vasculhar sua intimidade. Senti nojo e repulsa. O que faz aqui, filhadaputa?, pensei, afastando-me lentamente para o outro lado. No crachá pendurado no painel do carro: Ubelino. Nome estranho. Nunca conheci nenhum Ubelino. Meu primeiro Ubelino. Ao lado, meu inimigo (ou seria uma inimiga?) sumira. Alívio e preocupação invadiram-me. Aonde fora? “Calor”, disse, sem dizer nada. “Muito calor. Coisa de louco. Não sei aonde vamos parar”, respondeu-me Ubelino. E minha inimiga (sim, só podia ser do sexo feminino; não sei por quê) voltara, surgira bojuda, rebolante, uma modelo assimétrica com o andar de quem conhece o *front* de batalha e o inimigo a ser combatido. Eu também estava preparado para a guerra: bermuda, camiseta e chinelo. Armei-me. Chinelo na mão. Ela avançava lentamente, media os passos. Dois seres insignificantes a digladiar por um mísero espaço num táxi abafado numa tarde diabólica em C. — esta cidade que nos empurra sempre para o subterrâneo. Saia daqui, filhadaputa. Terei de matá-la. Não quero matá-la, pensava, na tentativa de esquecer aquela frase que poucos minutos antes atravessara meu ouvido; uma brasa: “Deus tudo pode. Nada está fora do Seu alcance”.

...

Uma guerra é sempre estúpida. Mas, agora, eu tinha de discordar. A batalha com esta inimiga insólita e inesperada deslocava-me da angústia daquela frase que chegara pelo celular para este campo minado a chineladas. “Deus tudo pode. Nada está fora do Seu alcance”. Do outro lado da linha, um homem de bigode vasto e estatura pouca me lembrava das bondades divinas, como se eu fosse um desgraçado herege a deambular pelo deserto. Eu, um Caim despedaçado após matar Abel. Lembrei-me dos filhos de Adão e Eva. Do fratricídio que eu acabara de cometer, sem ao menos saber. A acusação ardia-me em todo o corpo. “Do que você está falando?”. “Do seu texto sobre seu irmão.” “Você leu?” “Li. O (...) deixou o texto sobre a minha cama e eu li. Gosto de você. Por isso, estou te ligando. Deus tudo pode. Nada lhe escapa. Ele tudo pode. Nada Lhe é impossível. Nunca duvide de Sua força. Deus é nosso pai. Deus é maravilhoso. Deus... Deus... Deus.” O eco daquelas palavras ensurdecia-me e arrastava-me feito papel de bala na enxurrada para a minha infância, meu irmão e Deus a castigar nossos pecados infantis.

...

O texto *Dois irmãos, duas galáxias*, publicado no **Rascunho** de novembro, causou minha desgraça e levou-me à guerra no táxi. Nada é por acaso. Tenho certeza. Será? Escrevi: “Há distâncias que a mão de Deus não alcança. Eu e meu irmão”. Era uma metáfora. Sim, uma metáfora. Devemos explicar as metáforas? Seremos levados ao inferno por nossas metáforas? Haverá perdão? As idéias embaralhavam-se, enquanto minha inimiga recuava, assustada pelo chinelo a uma altura perfeita para esmagá-la, levá-la ao inferno também. Quem sabe nos encontremos mais tarde; depois da escuridão. Assustada, correu para baixo do banco da frente. Buscava abrigo, proteção divina e, com certeza, engendrava o contra-ataque. Não baixei a guarda. “Gosto de você. Sou seu amigo.” Sim, tinha certa razão. Ele convivera comigo, seu filho é meu colega de futebol. Mantínhamos uma relação cordial. Mas meus poucos amigos sempre me deixam quieto com minha coleção de silêncios.

...

Quando ela surgiu novamente, esmaguei-a sem qualquer dó. Explodiu vísceras sob meu pé. Deus também se preocupa com as baratas? Maculamos a limpeza do táxi de Ubelino. “Tinha uma barata aqui”, disse-lhe. “Pode ser. Levo muitos clientes, compras de supermercado, entre

as bananas sempre tem bicho”, respondeu com o cansaço dos quase 40 anos de taxista. Contou-me sobre sua adolescência na roça, os bichos da infância, os ratos, as baratas, a chegada em C., a montoeira de irmãos, as dificuldades, as alegrias. Falante, Ubelino ia desfilando trechos de sua vida no calor de C. Contou-me que seu filho é diretor administrativo do teatro mais tradicional da cidade. De novo, sou jogado num turbilhão à frase que, durante a batalha, estivera adormecida: “Deus tudo pode. Nada está fora do Seu alcance”. Recebera a ligação, enquanto conversava com uma atriz sobre uma possível leitura em grupo de peças de Shakespeare. Agora, o teatro do filho de Ubelino, a batalha, Deus e Shakespeare levam-me (por quê?) à peça *Ricardo III* e ao espanhol Javier Mariás: “Amanhã, na batalha, pensa em mim”. Nada é por acaso. Tenho certeza. Será?

•••

Após pagar a corrida, pergunto: “O senhor conhece Kafka?”. Ubelino me olha intrigado enquanto coloca o dinheiro ao lado da Bíblia no porta-luvas.

Crônica de Raimundo Carrero

UMA CIDADE FELIZ. E GORDA.

Era no tempo do prato quente e gorduroso, suculento e salgado, muito salgado, fumegante e apimentado. Porque também era assim o Centro do Recife, de muito sol e frevo, quando grupos de jornalistas, publicitários, comerciantes, comerciários e bancários, toda a gente, se debatiam entre chopes, cervejas e cachaças, com chambaris, peixadas, feijoadas, invadindo restaurantes, bares e pega-bêbados, numa fartura de meter medo em Pantagruel, o forte e esquisito personagem de Rabelais. Havia os restaurantes populares: Portuguesa, chambaris e mãos-de-vaca; Savoy, bacalhoadas com chopp; Cristal, peixe cozido na travessa com tomate e cebola, em pé, no balcão; Bar do Rato, cachaça com laranja; Cigano, carne-de-sol com feijão verde. Tudo regado à mais pura cachaça. E o Leite, o tradicional e requintado Restaurante Leite, o gosto sofisticado de comidas finas, regadas a vinhos, em porcelanas ricas e talheres de prata.

Um Recife que misturava cachaça com champanhe. E muita cerveja.

Outro dia, depois do plantão do jornal, fui jantar com um colega de redação. Sentamos à mesa do Star, madrugada adentro, e sugeri:

- Vamos pedir um galeto para nós dois.

E ele me barrou já na terceira cerveja:

- Não, senhor, cada um come o seu.

Mas não acabou. Felizmente, não acabou. O “era” fica por conta da mudança dos tempos – verbal e físico. Portanto, era no tempo em que o centro da cidade existia com toda a graça e movimentação. Até os jornais – “Diário de Pernambuco” e “Jornal do Commercio” – não estão mais lá. Transferiram-se, como dois bons amantes, para o bairro de Santo Amaro, juntinhos, porque viveram durante décadas, parece que até séculos, no Centro. Os restaurantes, os bares e os pega-bêbados espalharam-se um tanto para Olinda, outro tanto para a Zona Sul. Parece esquisito que, falando do Recife, outra cidade seja lembrada: Olinda. É que são tão ligadas, tão intimamente ligadas, que se torna inevitável. Quem come no Recife, dorme em Olinda. Eu sei, eu sei, Olinda não é mais uma cidade-dormitório. Compreendo. Porque se há uma coisa que irrita qualquer olindense, e irrita gravemente, é chamar Olinda de cidade-dormitório. Porque se dizia que as pessoas trabalhavam e viviam no Recife e dormiam em Olinda. Tudo bem, não digo mais.

Tanto Recife quanto Olinda oferecem mesa farta e diversificada. Popular ou requintada. Comece pelo Caprinos, o restaurante do Rosarinho, que serve uma carne de sol divina. Com macaxeira e manteiga de garrafa. Que tal experimentar, em restaurante à beira-mar, uma moranga de camarão ao molho de pimenta? Não sabe o que é moranga? Bem, trata-se de uma espécie de jerimum, que é esvaziado, e onde se coloca, neste caso, uma boa quantidade de camarão, com um tanto de arroz e feijão. Fica uma delícia. E é comida para uma família inteira. Serve-se quente. Bem quente. Acompanha cerveja, refrigerante ou água. Há quem exagere: bebe-se vinho. Uma loucura, não é mesmo?

Quem não tem medo de engordar ou não presta contas à balança – nem à saúde – come, pouco antes da refeição, um arrumadinho. Prato pernambucaníssimo. Sobretudo, com cerveja. Arrumadinho é um prato rápido, mas saboroso – carne de charque, farinha e feijão verde. Junta-se tudo, como diz o nome da comida, e leva-se ao fogo, até que a carne fique pronta. Serve-se em boa quantidade. Não esquecendo que reúne muita gordura, principalmente por causa de carne. Mas também é feito de camarão. Outra delícia. Há um restaurante no bairro de Santo Amaro, bem perto de cemitério, que é bem famoso. Por causa da vizinhança, é claro.

No entanto, tratando-se do Recife, não se pode esquecer a feijoada. Antes havia muitas casas especializadas: a feijoada do Jayme, por exemplo. Agora nem tanto. Mas é possível encontrar o prato em restaurantes de cozinha diversificada, apenas como um dos pratos do rico cardápio. Com preferência para o caldinho. Uma característica profundamente recifense. Quase todas as casas servem caldinho. E não apenas de feijoada: de camarão, de peixe, de camaril, de legumes. Basta pedir e será logo atendido. Lembrando-se sempre da figura de Ascendo Ferreira, o grande poeta, que depois de duas feijoadas, cantava grave e grosso:

“Pernas pro ar que ninguém de ferro”.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARRERO, Raimundo. *A preparação do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. *Os Segredos da Ficção*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

FIORIN, Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ROSENFELD, Anatol. *Texto / Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.